

O PEQUENO ASTRONAUTA, DE JEAN-PAUL EID

THE LITTLE ASTRONAUT, BY JEAN-PAUL EID

Luana Ciecelski¹
Sheila Correa Soares²

RESUMO

Este texto apresenta a resenha da *graphic novel* intitulada *O pequeno astronauta*, publicada no Brasil em 2022 pelo quadrinista Jean-Paul Eid. Além de oferecer uma breve apresentação da história e discutir aspectos narrativos e gráficos da obra, a resenha preocupa-se especialmente em destacar algumas das estratégias de construção discursiva evidenciadas pela leitura e refletir sobre seus impactos no leitor.

Palavras-chave: Graphic novel; Jean-Paul Eid; Estratégias narrativas.

ABSTRACT

This text presents a review of the graphic novel The Little Astronaut, published in Brazil in 2022 by cartoonist Jean-Paul Eid. In addition to providing a brief introduction to the story and discussing its narrative and graphic aspects, the review focuses particularly on highlighting some of the discursive construction strategies that become evident through reading and on reflecting upon their impact on the reader.

Keywords: Graphic novel; Jean-Paul Eid; Narrative strategies.

EID, Jean-Paul. *O pequeno astronauta*. São Paulo: Nemo, 2022.

¹ Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), onde é bolsista Prosuc-CAPES - Modalidade I. Mestra em Letras pelo PPGL - Unisc (2021). Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Unisc (2016). luanac@mx2.unisc.br

² Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Possui graduação em Letras/Português pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2000) e mestrado em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2008). Atualmente é professora da rede privada, pública. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando na EJA também do sistema prisional. sheilacs@mx2.unisc.br

Nascido no Líbano, em 1964, filho de mãe belga e de pai libanês, Jean-Paul Eid ficou conhecido por suas histórias em quadrinhos. Aos três anos, sua família foi para o Canadá, onde ele estudou desenho e artes plásticas e começou a trabalhar em 1985. De lá para cá, já publicou diversas obras e recebeu vários prêmios, trabalhando não só como cartunista independente, mas também para revistas, agências de publicidade e editoras, ilustrando livros infantis.

Entre essas publicações estão *Les aventures de Jérôme Bigras de 1985; Le Naufragé de Memoria*, que é o primeiro volume da série de ficção científica publicada em 1999 em parceria com Claude Paiement e que ganhou uma segunda parte em 2004; *Des tondeuses et des hommes*, lançada em 2008 pela editora Pastèque; e *Le fond du trou*, de 2012, que registra a volta do personagem Jérôme Bigras em uma nova aventura.

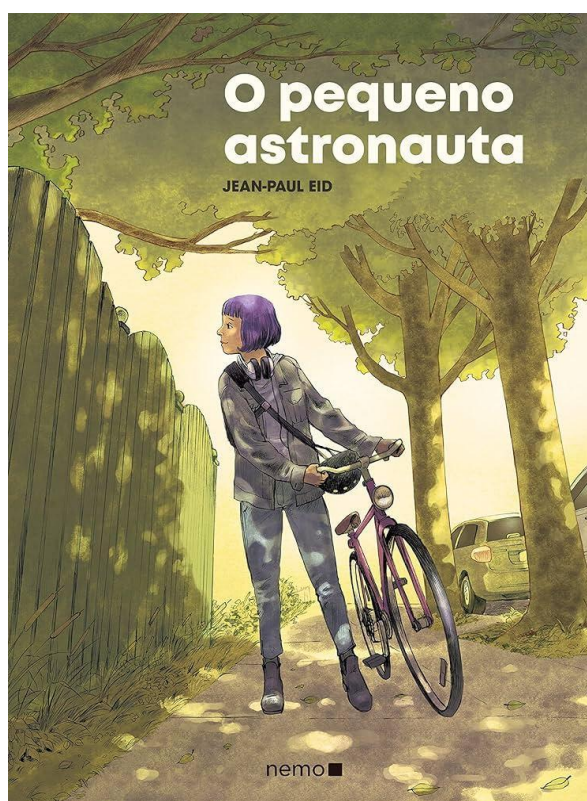
Em 2021 foi a vez de Jean-Paul Eid publicar na França a obra *Le petit astronaute* que, um ano depois, em 2022, saiu no Brasil com o título *O pequeno astronauta*, pela editora Nemo, mantendo as características originais da obra em quadrinhos, como desenhos e estrutura, sob a tradução de Renata Silveira. E é sobre esse volume que vamos nos aprofundar aqui.

Ele conta a história de Tom, um menino especial, caçula de uma família formada também por uma irmã mais velha, sua mãe e seu pai. A narrativa se dá sob o ponto de vista da irmã, Juliette, que conta como a chegada de Tom foi comemorada por todos, e como a descoberta de sua paralisia cerebral transformou a vida e a perspectiva da realidade em que viviam. À medida em que Tom vai crescendo, os desafios também vão se tornando maiores. Seus pais enfrentam momentos de medo e de incertezas descritos na narrativa, mas sempre procuram fazer com que o menino seja respeitado pelas suas condições e receba um tratamento adequado e digno. Juliette, sempre está muito presente no que acontece com Tom. E aqui, é importante destacar que essa obra mistura ficção com experiências pessoais. Segundo Jean-Paul, o livro é dedicado à Mathilde, sua irmã mais velha, mas também se baseia na experiência do autor com o próprio filho, hoje com 22 anos, e que tem paralisia cerebral.

O quadrinho foi feito a cores e utiliza tons amarelo-esverdeados, quase num tom de

sépia, na maior parte dos quadros e páginas. Esse tom aparece especialmente nos cenários de fundo que fazem um leve contraste com as características físicas das personagens - como cor do cabelo, da pele e cores das roupas. A própria capa já traz essas características, mostrando a personagem principal, a jovem Juliette, com seu característico cabelo roxo, empurrando sua bicicleta à sombra de uma árvore enquanto olha por cima do muro de uma casa, observando um pátio que não podemos ver, mas que parece atraí-la, como mostra a Figura 1.

Figura 1: Capa do livro *O pequeno Astronauta*



Fonte: Eid (2022)/Divulgação

Numa análise mais atenta, talvez possamos até mesmo relacionar o amarelo utilizado na coloração do livro, com um sentimento de melancolia, causado pela nostalgia da narrativa, já que se trata de uma personagem relembando o passado e momentos importantes de sua vida. Desses momentos, alguns foram felizes, mas muitos deles sensíveis pela relação com o

irmão, o menino chamado Tom.

Figura 2: As cores em tons amarelo esverdeados de *O pequeno astronauta*



Fonte: Eid (2022)

Todos esses elementos dão indícios da história que está por vir. O mesmo pode ser dito das folhas de guarda do livro: assim que a capa é aberta, elas mostram um sistema iconográfico de comunicação contendo diversos símbolos ligados a seres, objetos, sentimentos, sensações, lugares, etc (Figura 3).

Figura 3: Exemplos do sistema iconográfico que aparece no livro



Fonte: Eid (2022)

É interessante observar esse sistema e refletir sobre o papel dessas imagens na narrativa, considerando também que essa é uma história em quadrinhos. A narrativa, sendo uma forma de organizar e transmitir experiências e informações, pode ser enriquecida através do uso de imagens que facilitam a compreensão imediata e universal de conceitos. Teoricamente, a narrativa visual apoia-se na semiótica para criar significados através de signos visuais que são rapidamente decodificados pelo observador. Assim, símbolos como "rir" ou "chorar" transcendem barreiras linguísticas e culturais, proporcionando uma comunicação inclusiva e acessível. A combinação de texto e imagem potencializa a narrativa (Barthes, 1980, 2008).

315

Assim, nessa obra temos um total de 150 páginas nas quais acompanhamos Juliette numa visita a seu antigo bairro. Descobrimos que Juliette volta todos os anos a esse lugar, na data do aniversário do seu irmão, numa tentativa de não esquecer o rosto dele. É um lugar de achados, *achadouros*, como define Kohan (2005), lugar onde encontra seu passado, sua história, sua infância. Sua memória já não consegue ser fiel ao que realmente viveu, viu e sentiu. Confunde-se com o que imagina ter sido a sua vida no momento em que já está distante do que foi a sua realidade.

Por mais que tentemos guardar as lembranças, elas sempre acabam por escapar entre nossos dedos. Mais dia ou menos dia, sem que nos demos conta, os rostos se misturam... Os olhares se tornam borrões... Os detalhes desaparecem. (Kohan, 2005, p. 13)

Na ocasião em que a narrativa se passa, ela chega no bairro e descobre que sua antiga casa está à venda e aberta para a visita. Ela decide entrar e em cada cômodo novas lembranças vêm à tona. Assim, acontece um encontro entre a Juliette criança e a Juliette adulta na casa onde a família morava, e a conexão entre as duas dá origem a uma terceira, ou seja, há o devir-criança no qual o encontro intenso entre ambas mostra uma experiência atemporal. Além disso, a condição de Tom mostra duas infâncias, uma majoritária e a outra minoritária, de acordo com Kohan (2005). Ambas não se excluem: a primeira diz respeito às etapas do desenvolvimento (recém-nascido, criança, adolescente, adulto e idoso), e a segunda contempla a experiência do que a infância pode vir a ser, do que interrompe a história: “[...] É a infância como intensidade, um situar-se intensivo no mundo; um sair sempre do ‘seu’ lugar e se situar em outros lugares, desconhecidos, inusitados, inesperados” (Kohan, 2005, p. 4).

316

A singularidade de Tom revoluciona a ideia do que uma criança é, ao passo que dá a ver o que ela pode vir a ser, com as suas diferenças e com suas especificidades. Tanto a família quanto a escola se reorganizam para compreender e aceitar os desafios que o pequeno astronauta traz a partir da sua condição especial, de perceber e de participar deste mundo como um lugar diferente e inusitado.

Assim, entre os temas abordados, podemos citar o da deficiência física, as relações familiares, a educação inclusiva, o preconceito, a dor emocional da família que precisa lidar também com o luto da criança saudável ao constatar o problema de saúde, etc. Contudo, um dos aspectos mais originais da obra parece ser a estratégia de construção discursiva que o autor faz a fim de relacionar o problema físico de Tom com o de um astronauta que teve uma pane com sua nave no espaço. A inspiração, como percebe-se ao longo da narrativa, especialmente na página 28, está no disco *Space Oddity* - Odisseia Espacial na tradução - de David Bowie.

A canção – citada na íntegra abaixo - tem um astronauta chamado Major Tom, que é o

apelido carinhoso dado ao menino da história. Utilizando-se de elementos dessa canção, o autor explora a relação dos irmãos, mostrando o entendimento mútuo que há entre eles sobre o menino ser um astronauta, sobre o que causou a paralisia cerebral e sobre como é viver em uma nave “quebrada”:

Odisséia espacial

Controle de Solo para Major Tom
Controle de Solo para Major Tom
Pegue suas pílulas de proteínas e coloque seu capacete
Controle de Solo para Major Tom
(10,9,8,7)
Começando contagem regressiva e motores ligados
(6,5,4,3)
Checar ignição e que o amor de Deus esteja com você
(2,1)
Esse é o Controle de Solo para Major Tom
Você realmente teve sucesso
E os jornais querem saber de quem são as camisetas que você usa
Agora é a hora de sair da cápsula se você tiver coragem
Aqui é Major Tom para Controle de Solo
Estou dando um passo pra fora da porta
E estou flutuando no jeito mais peculiar
E as estrelas parecem muito diferentes hoje
Estou sentado numa lata
Bem acima do mundo
A Terra é azul e não há nada que eu possa fazer
Porém eu ultrapassei cem mil milhas
Estou me sentindo bem calmo
E eu acho que minha nave espacial sabe onde ir
Diga pra minha mulher que eu a amo muito, ela sabe
Controle de Solo para Major Tom
Seu circuito pifou
Há algo errado
Pode me ouvir Major Tom?
Pode me ouvir Major Tom?
Você pode...
Aqui estou flutuando em volta da minha lata
Bem acima da lua
A Terra é azul e não há nada que eu possa fazer...
(Bowie, 1969)

Outra associação possível é com a obra *O Pequeno Príncipe* (Saint-Exupéry, 2015),

especialmente quando esta refere, no enredo, a viagem até o planeta Terra do príncipe menino e a pane de sua aeronave. Nas páginas 90 e 91, Tom é apresentado na forma do Pequeno Príncipe que não desiste de sua missão porque “o essencial é invisível aos olhos” (Figura 4). Ele embarca ao som da música e a seguirá rumo ao seu destino. Sua irmã surge como aquela que ilumina seu caminho tentando entender a sua história e aceitando-o do jeito que é.

Figura 4: Trecho em que a narrativa faz uma aproximação com *O Pequeno Príncipe*



Fonte: Eid (2022)

A comunicação que Tom e sua irmã estabelecem, primeiro é feita através de pictogramas, mas depois é aprimorada para um “método” criado por Juliette: ela colava sua orelha a orelha de Tom e tentava ouvir tudo o que se passava na cabeça dele. Assim, ela

ficava sabendo o que havia acontecido na longa viagem até a Terra, porque ela entendia que as palavras estavam presas em sua mente e Tom não conseguia soltá-las.

A vinda de Tom para aquela família representa um marco na vida de todos, pois se depararam com os problemas de saúde dele, com a necessidade de adaptarem-se à nova realidade de aceitação, inclusão e resiliência que se faziam urgentes. Se fosse possível retirar tudo o que viveram e aprenderam com a presença de Tom, o que sobraria seria o que teriam sido sem ele e, assim, seria possível saber o que verdadeiramente Tom fez por eles. Essas experiências que constituem a dimensão sensível de vida compartilhada entre Tom e os irmãos se aproximam das experiências de leitura que constituem Marina Colasanti. Todos os livros que fizeram parte desse processo de construção têm a sua importância reconhecida: “O que sobrar será o que eu teria sido sem eles e me dará a justa medida do que fizeram por mim” (Colasanti, 2012, p. 20).

A partir de todos esses elementos, a história se enquadra perfeitamente nas características do gênero *graphic novel*, conceito que, segundo García (2012), ganhou força especialmente a partir dos anos 2000, mas que, apesar do título, não pode ser interpretado apenas como um híbrido dos conceitos *novel* e *graphic* e nem categorizado como um produto para crianças apenas ou como subliteratura de consumo, como tantas vezes acontece com os quadrinhos. O gênero é visto como literatura por uns - como Will Eisner, conhecido como o pai das *graphic novels* – mas apesar de ser “lido”, oferece uma experiência de leitura muito diferente da literatura tradicional. E apesar de ser “visto”, por causa de suas imagens, não se parece em nada com o ato de ver televisão, por exemplo.

Dessa forma, conforme explica García (2012), o gênero vem se destacando sobretudo como um movimento nas últimas décadas, mais do que como uma forma. Movimento esse que possui entre suas características histórias mais longas e complexas, com uma “tendência para a densidade” (García, 2012, p. 250). Elas são voltadas tanto para o público adulto quanto para o público infantil, já que possuem diversas camadas possíveis de interpretação que podem ser assimiladas por crianças em certo nível e por adultos em outros. Além disso, as *graphic novels* muitas vezes têm um caráter autobiográfico ou de autoficção – o que é justamente o caso do quadrinho *O pequeno astronauta* – e uma estética de vanguarda, fora de

padrões estabelecidos, antiformalista e que se apresenta num combinado com a narrativa.

Diante desses fatos, essa obra em quadrinhos se faz não apenas importante, mas uma leitura necessária, indicada para todas as idades. Ela é capaz de sensibilizar profundamente – e de fato o faz – para várias temáticas e isso por meio de recursos não completamente verbais e nem exclusivamente gráficos, num hibridismo entre literatura e arte típico dos quadrinhos, nos levando a reflexões profundas. É uma obra interessante para se trabalhar na escola, em práticas biblioterapêuticas ou apenas para ser lida por fruição.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland *et al.* **Análise estrutural da narrativa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

COLASSANTI, Marina. **Como se fizesse um cavalo**. São Paulo, ed. Pulo do Gato, 2012.

EID, Jean-Paul. **O pequeno astronauta**. Tradução de Renata Silveira. São Paulo: Nemo, 2022.

GARCÍA, Santiago. **A novela gráfica**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

KOHAN, Walter Omar. **A infância da Educação**: o conceito devir-criança. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 2, nº 1, 31 de dezembro de 2005. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/2/1/a-infancia-da-educacao-o-conceito-devir-crianca>.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Tradução de Denise Bottman. Barueri, São Paulo: Ciranda Cultural, 2015.

BOWIE, David. **Space Oddity**. Compositor: David Bowie. In: David Bowie (Space Oddity). Intérprete: David Bowie. Londres: Philips Records, 1969.